

A NATUREZA DOS FENÓMENOS VITAIS

Na aurora do século xx, Armand Gautier dizia, a propósito do complexo fenómeno que é a Vida (1): «Desde que o homem pensa, e êle pensa há muito, o fenómeno da vida solicitou a sua atenção inquieta e provocou a sagacidade do seu espírito. Mas se a queda duma maçã bastou, parece, à razão soberana de Newton para descobrir a gravitação e, com ela, as leis que presidem aos movimentos do mundo solar, é preciso que a organização do Universo, qualquer que seja a sua aparente complexidade, seja muito mais simples que a do mais insignificante dos seres vivos, pois que o génio dum Harvey, dum Kant, dum Spallanzani, dum Lavoisier, dum Claude Bernard, dum Pasteur, não bastaram para revelar as causas que presidem à evolução dos organismos, ou mesmo para definir claramente a vida».

Estas palavras de Gautier traduzem bem a perplexidade que o homem sempre experimentou perante os fenómenos vitais; nem é para menos o mistério de que êsses fenómenos se revestem e sob o qual ocultam a sua natureza íntima.

Mas de então para cá, o perturbante mistério já se tem esclarecido um pouco. Já compreendemos certos fenómenos elementares característicos da vida, já os podemos analisar à luz da ciência positiva, já os podemos reproduzir experimentalmente, já podemos enfim, classificá-los no *index* dos fenómenos revelados e esclarecidos.

O que é a Vida?

Se quiséssemos arquivar nestas páginas o sem número de definições que se tem dado, ainda as mais correctas, conseguiríamos uma longa resenha de frases imprecisas, algumas de grande beleza literária,

(1 Arm. Gautier — «Estado dos nossos conhecimentos sobre o mecanismo da vida» — in *Revue générale des sciences*, 1900, 571.

algumas duma ingenuidade tocante, algumas com o aspecto rígido e brilhante que o vocabulário científico empresta às suas definições; mas da expressão de tôdas essas frases não resultaria sumo que se visse.

Na Enciclopédia escreveu-se: «a vida é o contrário da morte». Mas opôr a morte à vida não é defini-la, mesmo se essa opposição fôr mais detalhada, como em Bichat: «a vida é o conjunto das funções que resistem à morte», ou como em Cuvier: a vida é uma força que resiste às leis que regem a matéria morta». Também não se define a vida dizendo, como Dugés, que ela «é uma actividade especial dos seres organizados», ou como Kant, que ela é «uma inteligência calculadora» residindo no interior do organismo.

Em definitivo, a vida não tem definição. A vida apenas se define pelas propriedades que ela confere aos seres em que reside. Podemos definir um ser vivo dizendo que é um ser com estas e estas propriedades; não poderemos definir a vida.

Mas se não a podemos definir, poderemos ao menos fazer uma idéa do que ela seja? — Não uma idéa superficial e inconsistente, mas uma idéa sólida, positiva, da sua natureza íntima?

Podemos. Antes, porém, é necessário que acompanhemos a evolução histórica do pensamento científico ou filosófico sobre o assunto.

Ora, tôdas as idéas emitidas para a explicação dos fenómenos vitais podem ser reunidos em dois pontos de vista. De facto, «duas concepções dividem desde a antiguidade, e dividem ainda, os homens que estudam os fenómenos biológicos. Para uns, os vitalistas, as manifestações dos seres vivos emanam duma essência especial e nada teem de comum com as leis que regem o mundo inanimado; para os outros,